

Submetido em: 01 mai. 2024
Aceito em: 05 set. 2025

A violência enquanto resistência ao colonialismo em Fanon e Sartre

The violence as resistance to colonialism in Fanon and Sartre

Kátia Medeiros¹

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Yasmin Cavalcante²

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

RESUMO

A concepção de sociogenia desenvolvida por Fanon, oferece uma visão abrangente sobre o sujeito racializado, destacando como a colonização influencia a identidade individual. Sob a matriz colonial de poder, o ideal de ser humano, esse é definido como homem, branco, europeu. A ideia de não pertencimento ao grupo “homem” gera angústia na sociedade que é racializada, submetidos a constante pressão para embranquecer. Além disso trazemos a visão sartreana a fim de apontar algumas considerações ao ponto de vista existencialista da violência opressora dos colonos frente os colonizados, a própria concepção racista que tem por trás dessa estruturação cruel e violenta, bem como a proposta de uma revolução por parte dos povos negros, utilizando como base bibliográfica a obra *Os condenados da Terra* (1961) e *Pele negras, máscaras brancas* (1983) bem como comentadores nos dois pontos do artigo. Sendo assim, conseguimos por meio de dois grandes pensadores particularmente diferentes, mas ao mesmo tempo com objetivos e temáticas em comum, a saber, o povo argelino, as desigualdades- coloniais e colonizados, e a tentativa de romper com o sistema precário e desumano daqueles que lutaram a fim de preservar sua própria dignidade de sujeitos negros e com uma cultura própria, a ser dado-lhes a vez de fazer suas reivindicações anticoloniais serem atendidas.

Palavras-chave: racismo. influências. Descolonização. Fanon. Sartre.

ABSTRACT

¹ E-mail: katiamarianc@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5403-9009>.

² E-mail: profyasmin.nobre@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4807-3201>.



The conception of sociogeny developed by Fanon offers a comprehensive view of the racialized subject, highlighting how colonization influences individual identity. Under the colonial matrix of power, the ideal of a human being is defined as male, white, European. The idea of not belonging to the “man” group generates anguish in a racialized society, subject to constant pressure to whiten. Furthermore, we bring the Sartrean vision in order to point out some considerations to the existentialist point of view of the oppressive violence of the colonists towards the colonized, the racist conception behind this cruel and violent structuring, as well as the proposal for a revolution on the part of the black people, using as a bibliographical basis the work *The Damned of the Earth* (1961) and *Black Skin, White Masks* (1983) as well as commentators at both points of the article. Therefore, we achieved it through two great thinkers who were particularly different, but at the same time with common objectives and themes, namely, the Algerian people, inequalities - colonial and colonized, and the attempt to break with the precarious and inhumane system of those who fought to preserve their own dignity as black subjects and with their own culture, to be given the chance to make their anti-colonial demands met.

Keywords: racism. influences. descolonization. Fanon. Sartre.

1. O RACISMO ESTRUTURAL NA FORMAÇÃO DO SUJEITO RACIALIZADO

Há um marco no caminho do negro que se chama colonização e sua herança, o colonialismo. Não há negro ou negra que consiga fugir destes amarros sem sofrer dos seus danos. A colonização, perpetuada e estruturada de modo orgânico na sociedade capitalista, se ergue e se camufla em discursos superficiais de libertação.

Em dias atuais, vivemos com o espectro de resolução da escravidão e, por vezes, essa concepção conduz a população a um imaginário social que infere o fim do racismo por meio da abolição da escravidão. Por este motivo, é relevante pensar que Franz Fanon é um dos filósofos que deveriam compor nosso cânone filosófico, pois consegue nos explicar, de modo lógico e racional, o modo operante de construção do racismo nas civilizações capitalistas ou pré-capitalistas.

Os escritos fanonianos em *“Pele Negra, Máscaras Brancas”* (Fanon, 2020) narram, de maneira singular, o sofrimento psíquico, social e material de

todo um povo. No texto, a questão da raça, da classe e do gênero³, apresentam-se em uma narrativa de primeira pessoa. Fanon fala de si mesmo, das histórias de um povo e de um sistema de organização do capital.

A linha de análise adotada sobre os conceitos de Fanon está ancorada na sociogenia. Deivison Faustino, em “*Um Revolucionário Particularmente Negro*” (Faustino, 2018), evidencia o conceito da sociogenia como o modo de análise empregada por Fanon em suas obras para compreender a dimensão da racialização do sujeito negro e o processo de construção da identidade deste indivíduo. Assim, entende-se que a subjetividade é construída em constante relação com seus determinantes históricos e sociais (Faustino, 2018, p. 15). Diante dessa premissa, surge a indagação: como ficam as identidades negras em uma sociedade que é racializada?

Ao compreender que a modernidade e a colonização são componentes da mesma história torna-se evidente a dicotomia estabelecida de dominador e dominado, essa estrutura tem por base a concepção política e epistêmica de colonização. É por meio da Matriz Colonial de Poder⁴ (Mignolo, 2021) que a sociedade categoriza o negro e a negra em subespécie e estabelecem sobre eles estereótipos pejorativos. Estas determinações em graus de marginalização sobre o que é uma mulher negra ou um homem negro são arraigados no imaginário social, visto que “ser negro” não é uma categoria ontológica, mas um conceito pensado e construído para desumanizar um grupo social em detrimento de outro.

³ Ao compreender a crítica feita a Fanon, por Grada Kilomba no prefácio de “*Pele Negra, Máscaras Brancas*”, a autora questiona a noção de humanidade atrelada a concepção de homem negro, de certo modo atrelada a concepção europeia de sujeito macro, partindo dessa noção é possível compreender o apontamento que a mesma faz sobre o apagamento da noção de mulher negra na obra. Mesmo a mulher negra sendo discutida no livro a análise da Kilomba soa contundente. Deste modo, durante este artigo a discussão do feminismo interseccional se apresentará como componente da encruzilhada, buscando dentro do possível expandir as análises fanonianas ao ser mulher negra e suas angústias.

⁴ De acordo com Walter Mignolo (2021), a matriz colonial de poder opera no controle da economia, autoridade política e social, gênero e sexualidade, conhecimento e subjetividade. Estes pontos subsistem porque estão ancorados no fundamento de raça e do patriarcado.

perspectiva filosófica

O estereótipo atrelado ao homem ou a uma mulher negra permanece, intrinsecamente ligado às concepções empregadas por meio do Darwinismo social⁵ que tem por objetivo narrar a concepção de inferioridade cognitiva a fim de justificar a subalternidade do negro, e explicar de modo narrativo e simples uma suposta vitória permanente dos europeus colonizadores.

O racismo reinventa seu modo de agir, mas não perde a fórmula, sendo essa estabelecida por normativas sociais apresentadas como verdades inquestionáveis em todos os níveis de poder. Fanon, evidencia em seus escritos a necessidade criada por meio da educação formal e informal de tornar o sujeito em um sujeito negro e posteriormente construir no mesmo a necessidade de ser como o branco, desejo este inalcançável. Como afirma Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas*:

Num grupo de jovens antilhanos, aquele que se exprime bem, que possui o domínio da língua, inspira extraordinário temor; é preciso tomar cuidado com ele, é um quase branco. Na França se diz: falar como um livro. Na Martinica: falar como um branco (Fanon, 2020, p. 20).

É possível notar que a concepção de conhecimento erudito que é encucada nos jovens possui um valor social de elevação, sendo essa atrelada ao conhecimento que adquirimos em livros escritos por homens brancos Franceses. Essa concepção de que conhecimento vem do norte do mundo é concebida com base no que aprendemos na escola e nas universidades, assim, compreendemos que conhecimento é limitado ao que o homem, branco europeu postulou. Refletindo sobre essa lógica, o “falar negro” não deve existir, não há referência nos cânones do conhecimento que são oriundos de pessoas negras e por cânone podemos pensar no científico, filosófico e artístico. Onde está o negro/a? Na ausência, esse princípio é programado e gerido por meio da matriz colonial de poder. Dessa maneira, a necessidade de

⁵ Determinismo social, conceito apresentado por Arthur Gobineau (1816-1882) em 1853 publicou o Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas, neste ensaio o autor afirma existir a degeneração das raças humanas por meio das “misturas de espécies humanas distintas” Essa concepção engloba a política empregada que classificava raças humanas como inferiores e superiores para este autor influente a única “raça” legitimamente humana era a de brancos arianos.

perspectiva filosófica

forjar nos negros os princípios da racialização decorre da compreensão de que racializar é um processo de subcategorização. Neste contexto, a ideia de “ser” é associada ao sujeito branco, europeu e homem, enquanto os demais são considerados suas derivações.

Tais narrativas são empregadas por meio de ações culturais, políticas e religiosas que colocam essas três áreas em domínio branco, superestimando suas crenças, culturas e religiões, com o evidente objetivo de conduzir o negro a uma consciência errônea sobre sua potencialidade no mundo e sobre si. Diante dessa construção social, o racismo resulta em um processo agudo de alienação onde as maiores vítimas são os próprios sujeitos negros que tentam se assumir como brancos, mesmo tendo certeza de que nunca o serão. Salientando que a busca por uma “máscara branca” é entendida como uma via para uma vida menos sofrida.

É sabido que o negro não é entendido como igual, e isso persiste até os dias atuais. No entanto, o processo ideológico que se manifesta por meio da exclusão, marginalização, dominação e todos os estereótipos excludentes conduz o sujeito racializado a tentar fugir, ou ao menos driblar, os males da colonização que organizam a sociedade. Com isso, cabe salientar que não há como pensar a ideia de sujeito sem pensar na colonização, o que implica negros e brancos em uma relação de poder. Partindo da premissa de que a modernidade e a colonização são faces da mesma moeda, a MCP é destrinchada por Fanon em seu relato da chegada dos soldados franceses em 1940 na Martinica.

O empreendimento dessa ordem mundial administrativa (político e econômica) e de autoridade assentada no domínio sobre gênero, sexualidade, saberes e subjetividades possuía como fundamento basilar a ideia de raça-etnia e a produção de conhecimentos como elementos de diferenciação e controle (IDEM, 2017). Essas distinções justificariam e “perdoariam” inúmeras brutalidades acometidas contra os povos colonizados (em nome de uma suposta superioridade) visando o desenvolvimento, crescimento, progresso (mito civilizatório) expansão e ampliação do seu controle e domínio pautados na cor da pele e na posse de tecnologias - potencial bélico e extrativista. (Lopes,2025,p.18)



perspectiva filosófica

Desse modo é possível compreender que o proceder dos soldados foi guiado pela concepção de que eles eram os únicos sujeitos políticos e sociais naquele lugar, o que lhes permitiu impor a superioridade econômica sobre o comércio martinicano, implicando na limitação de compra da população nativa. O segundo crime cometido pelos soldados foi a violência por meio do estupro das mulheres martinicanas, as quais os mesmos não atribuíam humanidade. Por fim, se valendo da autoridade militar e das concepções colonizadoras, foram inocentados de suas atrocidades.

O que aconteceu em 1940 na Martinica é o padrão da colonização, não há indivíduo que não seja modificado por uma experiência como esta. A violência se estabelece da seguinte forma: em primeiro momento, o sujeito nasce e lhe é incutida, por meio da cultura, uma noção de devoção criada para com sua “pátria colonizadora”; em segundo, há um aspecto muito importante sobre a referência do sujeito no mundo que é desfeita com o conhecimento empírico dos males da colonização; em terceiro, é desnudando ao sujeito negro a concepção dos europeus brancos sobre a subserviência à qual deveriam se sujeitar. Deste modo, fica clara a premissa da racialização, pois para os racistas não importa sua posição social, a raça te define primeiro.

O sujeito que vive em uma sociedade pós colonização nem sabe quem ele é ou poderia ser sem esse dano. Não há alternativa de fuga, e isso Fanon consegue expressar em minúcias. Suas obras cobrem um campo, subjetivo, social, epistêmico e político. Fanon, enquanto sujeito foi sagaz, reservado em suas experiências pessoais e um tanto político para lidar em meios nocivos à sua existência. Penso que essa habilidade de sobrevivência adaptativa experienciada pelo filósofo é uma das primeiras habilidades de resistência explícita em suas obras. Escolher permanecer em espaços dominados por brancos e suas concepções ideológicas racistas têm um custo muito alto ao sujeito racializado.

É possível perceber, a descrição de Fanon em “Pele Negra, Máscaras Brancas”, os aspectos animalizados atribuídos aos sujeitos negros e negras. O sujeito que é racializado sofre da designação de comportamento, sendo elas: a subserviência, a prepotência, o autoritarismo, ou como um objeto de

desejo. O que não é atribuído ao sujeito negro/a são as características de humanidade comumente utilizada entre os brancos como: conhecimento, inteligência, firmeza e polidez.

Fanon viveu seus dias em ambientes hostis, resultantes da ignorância branca, o que o conduziu a um entendimento sobre o mundo que somente uma pessoa com o lugar epistêmico similar ao dele poderia experimentar. Contrariando a máxima do conceito de sujeito descorporificado e universal, a filosofia de Fanon é marcada por sua localização geográfica e por sua *raça*. O seu lugar epistêmico é o que potencializa sua filosofia sobre o discurso do homem branco, essa problematização localizada apresentada por Fanon retira o sujeito que é racializado do aspecto de reificação.

Constatar essa afirmação me lembra o que diz Grada Kilomba sobre a ausência das obras de Fanon nas Universidades ou nos currículos do curso de filosofia referido no início deste artigo. Fanon impôs sua presença, escreveu, analisou e progrediu sobre o entendimento da sociedade do século XX, como não é possível tratar o filósofo em termo da irracionalidade se lançou sobre ele o apagamento.

A ausência estruturada para apagar Fanon, não sobreviveu ao ensinamento das estradas⁶ (Paroemia), o que foi conceituado e explicado em obras Fanonianas é urgente e necessita de constante resgate. O dever dos filósofos do hoje é retornar para suas inscrições feitas no passado, um efeito ‘*sankofa*’ (Dravet e Oliveira, 2017). Deste modo parece plausível dizer que a revolução Fanoniana começa no próprio indivíduo.

Salientamos que as considerações de Fanon trouxeram força e consolidação a obras de outros autores que são considerados clássicos e canônicos na filosofia. Este é um aspecto que vale nosso entendimento, pois em uma pesquisa destrinchada e aprofundada de Fanon, onde conhecer seus conceitos e obras é imprescindível para dominar o assunto, por vezes, o atributo da ausência é qualificado como superior a sua filosofia, um exemplo deste ocorrido é Sartre.

⁶ [...]Paroemia (para tou oimous) = ao longo das estradas.

2. DESDOBRAMENTOS DE FANON

Sartre sempre foi um intelectual preocupado e engajado com o contexto do seu tempo, seja filosófica, quanto literariamente, além disso participara de diferentes movimentos sociais e políticos de sua época, temos como exemplo manifestos estudantis, como no ano de 1968, concepções antissemitas, de cunho marxista⁷ e comunistas, portanto o racismo enquanto problema social, político, filosófico também pode lhe interessa. Assim, o existencialismo sendo seu motor primordial é impregnado por um compromisso ético e moral que olha para as questões da Sociedade, e a respeito delas reflete. Uma das formas que Sartre procurou ocupar um lugar ativo dentro da sociedade francesa foi construindo juntamente com Merleau-Ponty a revista *Les temps modernes*, onde compartilhara reflexões acerca de filosofia, literatura e política. Alia-se ao comunismo no ano de 1950, um fato importante e que marca seu posicionamento é a defesa da libertação da Argélia, assim concepções de cunho decolonialistas juntamente com Fanon passam a ser ponto de discussão e luta. Sartre escreve o prefácio da obra *Os condenados da Terra* de Fanon, e de Sartre, Fanon tem influências da obra *Reflexões sobre as questões judaicas* datada do ano de 1963.

Na célebre obra *Os condenados da Terra* datada de 1961, a qual está presente o prefácio escrito por Sartre, a convite de Fanon fala sobre a Europa e as influências coloniais de alguns povos como Paris, Londres e Amsterdam. Referindo-se a obra de Fanon, Sartre nos fala:

Evidentemente Fanon menciona de passagem nossos crimes famosos, Sétif, Hsnoi, Madagascar, mas não perdemos, em tempo a condená-los; utiliza-os. Se desmonta a tática do colonialismo, o complexo jôgo das relações que unem e opõem os colonos aos metropolitanos, faz isso para seus irmãos; seu objetivo é ensiná-los a dismantelar-nos (Fanon, 1961, p. 6).

Com isso, pode-se entender o propósito de Fanon de alertar para as práticas criminosas, a fim de mostrá-las, escancará-las, condenando-as com

⁷ Exemplo disso é o encontro de Sartre e Beauvoir com Che Guevara no ano de 1960.

perspectiva filosófica

veemência, assim sua finalidade é de instruir seus irmãos, os que são colonizados, fortificando-os a partir de conhecimento, o que diferencia-os daqueles que colonializam, torturam, massacram a partir de violência e de ignorância. Sartre demonstra que os povos sofrem opressão, mesmo aqueles que se libertaram, isso faz parte da história colonial. Diz Sartre quanto ao racismo:

[...] a Europa multiplicou as divisões, as oposições, forjou classes e por vezes, racismos tentou por todos os meios provocar e incrementar a estratificação das sociedades colonizadas. Fanon não dissimula nada: para lutar contra nós, a antiga colônia deve lutar contra ela mesma. Ou melhor, as duas formas de luta são uma só (Fanon, 1961,p. 6).

Percebemos que a Europa se estabelece como potência, de desenvolvimento, utilizando-se do processo de colonização, explorando tanto a terra quanto o povo criando a narrativa de hierarquia racial e geográfica, e assim criando um imaginário social que tem por objetivo minimizar as lutas pertinentes ao processo de descolonização. Sartre ao referir-se à posição de Fanon, deixa claro que o mesmo não se esquivava de esclarecer as camadas problemáticas em questão, porém, é incisivo em falar que lutar contra os povos colonizados, na verdade é fazer as colônias lutarem contra si mesmas.

Quanto aos povos colonizados ou do Terceiro mundo, que estão em processo de desenvolvimento, conforme Sartre, não há uma unificação dos mesmos, mas isso encontra-se em um devir, está pressuposto, está em curso de unificar-se. A forma de conseguir independência, liberdade e desestruturar a sociedade e suas mazelas, segundo Sartre referenciando Fanon seria realizar e praticar o socialismo revolucionário a fim de não se deixar derrotar pelos tiranos. A respeito da revolução referenciando o pensamento fanoniano, Sartre diz: “a verdadeira cultura é a Revolução; isso quer dizer que ela se forja a quente. Fanon fala em voz alta; nós, os europeus, podemos ouvi-lo: a prova é que temos nas mãos este livro. ” (Fanon, 1961,p. 8). Nota-se que tanto Fanon quanto Sartre compartilham a ideia que a revolução é o caminho

mais adequado a seguir para lutar e modificar a matriz colonial de poder. Quanto a questão da opressão, violência e colonização, Sartre nos fala:

A violência colonial não tem somente o objetivo de garantir o respeito dêesses homens subjugados; procura desumanizá-los. Nada de-ve ser poupado para liquidar as suas tradições, para substituir a língua dêeles pela nossa, para destruir a sua cultura sem lhes dar a nossa; é preciso embrutecê-los pela fadiga. Desnutridos, enfermos, se: ainda resistem, o medo concluirá o trabalho: assestam-se os fuzis sôbre o camponês; vêm civis que se instalam na terra e o obrigam a cultivá-la para êles. Se resiste, os soldados atiram, é um homem morto; se cede, degrada-se, não é mais um homem; a vergonha e o temor vão fender-lhe o caráter, desintegrar-lhe a personalidade (Fanon, 1961, p. 9).

A prática violenta dos colonizadores ou dos povos que colonizam tem o intuito de transformar o colonizado em alguém sem humanidade. Não basta modificar seus hábitos, costumes e cultura, assim como o que lhe caracterizam como um determinado povo, local. Há tanto a violência por parte física quanto psíquica, uma inferiorização dos colonizadores aos colonizados. Parece não haver uma solução possível entre o modo de vida que passam a levar após a colonização, pois não são levados enquanto seres humanos, caso desacatem as ordens, são mortos. Assim a forma como os oprimidos são vistos é de maneira desumana, pois seus corpos e mentes são domesticados para servir e obedecer, isto é:

Por esse motivo os colonos vêm-se obrigados a parar a domesticação no meio do caminho: o resultado, nem homem nem animal, é o indígena. Derrotado, subalimentado, doente, amedrontado, mas só até certo ponto, tem êle, seja amarelo, negro ou branco, sempre os mesmos traços de caráter: é um preguiçoso, sonso e ladrão, que vive de nada e só reconhece a fôrça. (Fanon, 1961, p. 10).

Os colonizadores maltratam e subjugam de forma física e psíquica os colonizados até um certo ponto em que não se tem um homem, mas também não se tem um animal. Sua forma é vista como um objeto, que tem utilidade para aqueles que necessitam de sua força, ao mesmo tempo que são vistos com as características ditas na passagem acima. A respeito da luta para

perspectiva filosófica

converter a opressão e violência conforme Sartre: "[...] então é necessário unir-se ou deixar-se massacrar." (Fanon, 1961, p. 14-15). Existe somente essas duas possibilidades e alternativas, ou ocorre uma revolução ou uma alienação contínua. O colonizado está farto de tais práticas, de sua situação, então:

Contudo, essa fadiga do coração está no princípio de uma coragem inacreditável. Encontramos nossa humanidade do lado de cá da morte e do desespero, êle a encontra do lado de lá dos suplícios e da morte. Fomos os semeadores de ventos; êle é a tempestade. Filho da violência, extrai dela a cada instante a sua humanidade; fomos homens à custa dêle; êle se faz homem à nossa custa. Um outro homem, de melhor qualidade (FANON, 1961, p. 16).

É do cansaço e do desespero que vem à força e coragem para lutar, para unir-se aos que almejam o mesmo interesse, a descolonização é um processo que requer romper com o mundo tal qual conhecemos, e assim, permitir construir um processo de vivência ainda desconhecido, mas que tenha por premissa o reconhecimento da humanidade aos silenciados e apagados pela matriz colonial de poder, uma vez que nos é sabido ser impossível retornar ao estágio anterior à colonização. Esse processo de descolonizar tem por início a revolução e de sua iminência que se faz a possibilidade de tornar-se uma nova mulher, um novo homem. Sartre é enfático ao proferir a seguinte passagem: " [...] é necessário que nós, europeus, nos descolonizemos, isto é, extirpemos, por meio de: uma operação sangrenta, o colono que há em cada um de nós. Examinemo-nos, se tivermos coragem, e vejamos o que se passa conosco" (Fanon, 1961, p. 16). Não basta ter conhecimento da opressão, de que povos são colonizados, têm-se que olhar para si próprio e para as práticas e ações, a fim de eliminar o resquício de colonização que há em nós. Consequentemente, " [...] se o próprio regime e até os Vossos não violentos pensamentos estão condicionados por uma opressão milenar, vossa passividade só serve para vos colocar do lado dos opressores" (Fanon, 1961, p. 17).

É isto, ficar ao lado dos opressores e de situações de injustiças, é também escolher o lado que se posiciona. Simplesmente é isto:



perspectiva filosófica

[...]Éramos os sujeitos da história e atualmente somos os objetos. Inverteu-se a correlação de forças, a descolonização está em curso; tudo o que nossos mercenários podem tentar é retardar-lhe a conclusão.” (Fanon, 1961, p. 18).

Assim como Fanon, Sartre já aponta que o caminho é a descolonização, e descolonizar é subverter. Tornar quem era objeto de violência, deixando-o de ser, a colonização passa a ser o alvo da vez, ideias e tentativas de emancipação do povo negro e oprimido passa a ser o papel central, o objetivo central, retirar as amarras, as mordanças, as grades da violência, da desigualdade, da opressão. Assim “o colonizado se recompõe e nós, fanáticos e liberais, colonos e “metropolitanos”, nós nos decompomos.” (Fanon, 1961, p. 19).

Sartre desenvolve em seu livro *O existencialismo é um humanismo* a concepção de responsabilidade, liberdade, engajamento pela humanidade. Isto quer dizer que somos responsáveis uns pelos outros, o mesmo se dá em relação a violência, a opressão, ao fazermos escolhas durante os projetos existenciais também repercutimos nos projetos alheios, ou seja, na vida das outras pessoas. Aqui no caso temos o impacto por parte do racismo em relação aos negros e colonizados. Assim, como queremos a liberdade enquanto um valor a ser seguido, que temos o direito de ter, devemos querer igualmente a liberdade de qualquer indivíduo, independente de sua raça, cor, credo, entre outros elementos. Pois, “ao quisermos a liberdade, descobrimos que ela depende inteiramente da liberdade dos outros, e que a liberdade dos outros depende da nossa.” (Sartre, 1979, p. 25)

Esses conceitos podem ser aplicados independente da situação histórica, aqui levamos em consideração a exploração dos povos negros e argelinos, tal como no pensamento de Franz Fanon. Assim outra obra que toca na questão da colonização e no racismo de alguma forma é o *Orfeu Negro* de Sartre, nesse o mesmo diz: “Um judeu branco entre os brancos pode negar que seja judeu, declarar-se homem entre homens. O negro não pode negar que seja negro ou reclamar para si esta abstrata humanidade incolor: ele é preto” (Sartre, 1968, p. 94). O homem negro deve ter consciência de sua cor,

de seus costumes e cultura, não tem como negar sua aparência, sua cor, sua origem, caso o fizer estará de alguma forma alienado, tentando agir de forma diferente a natureza de sua situação.

Percebemos que para um racista e pessoas preconceituosas sempre criam um grau de inferioridade para com o seu alvo de tortura, seja física ou mental, vê o outro como um inimigo, como alguém a quem deve, quase como uma obrigação ter controle, sejam pelas condições que forem, dessa maneira causam tanta destruição e sobretudo na desumanização dos indivíduos, não só para os negros e antissemitas, entre outros.

Dessa forma, os negros são vistos como inimigos, como um povo que não merece dignidade, a qual em sua visão não são merecedores de um bom trato, de respeito, de melhores condições e de igualdade perante os europeus e sobretudo aos colonizadores. Nesse sentido, trazemos a seguinte passagem do professor Marco Arantes:

[...]em sua linguagem revolucionária, a luta pela libertação significaria romper e desvendar os grilhões dos mecanismos de alienação que prendem o colonizado ao colonizador e que implicam em despersonalização, humilhação e inferioridade permanentes do colonizado, acautelando seus leitores. (Arantes, 2011, sp.)

Sartre enquanto um escritor e filósofo que olha as questões do seu tempo e da história, aqui em questão do racismo dos povos colonizados, dos argelinos, dos negros, fala sobre a violência revolucionária, trazendo suas influências marxistas, mas em caráter próprio, com sua interpretação e consideração, ele entende essa violência como um motor que movimenta e impulsiona os povos oprimidos a encaminharem-se a desalienação, a decolonização, dá subsídios para enfrentar ativamente no combate das injustiças (Rodrigues, 2016). Em um direcionamento em comum fanoniano, recorreremos a Fanon para falar sobre esse caráter da violência: A violência adquire outro sentido, pois ela cicatriza as feridas que ela mesma faz. A violência do regime colonial e a contraviolência do colonizado se equilibram e se respondem mutuamente com uma homogeneidade recíproca

extraordinária. (...) terror contra terror, violência, contraviolência. (Fanon, 2002, p. 80).

Apesar dos estudos e da teoria por trás do colonialismo, do descolonialismo, elementos como fome, miséria, opressão, desigualdade, desumanização, violência esses não são de ordem abstrata, então não é só teoricamente que devem ser combatidos. É necessário sair do mundo das ideias e ir para práxis, bem no sentido marxista. De subversão de propósito e de ação, essa que só tem potência se for em um grupo, no campo do coletivo.

Na obra *O colonialismo e o neocolonialismo*, Sartre menciona que “a conquista se mantém pela violência, a superexploração e a opressão exigem o mantimento da violência e por ela a presença do exército” (1968, p. 39). Sartre assim fala devido às condições de sobrevivência, alimentação, direitos dos colonizados frente aos direitos dos colonizadores que obviamente eram superiores que os oprimidos, um exemplo disso é o salário dos argelinos, que em comparação com outros povos colonizados eram superiores, mesmo assim para se manter era muito complicado. Além disso, os colonizadores mantinham direitos democráticos os quais os colonizados não, como a mão de obra barata frente os esforços servis, dessa maneira Sartre diz: O colonialismo nega os direitos dos homens aos homens que estão submetidos pela violência, que mantém pela força a miséria e a ignorância, portanto, como diria Marx, em estado de “sub humanidade”. [...] Os fatos mesmos, nas instituições, na natureza das trocas e da produção, está inscrito o racismo; os estatutos político e social se reforçam mutuamente; [...] o racismo está ali, levado pela práxis colonialista, engendrado a cada minuto pelo aparato colonial.” (Sartre, 1968, p. 39).

O problema é constituído na estrutura mesma de poder, de produção, da mercadoria, das trocas, do trabalho, do salário, dos meios de subsistência, é assim um problema no sistema, e esse sistema é o colonialismo, está em suas raízes. Devido à falta de direitos aos colonizados causa a miséria, a fome, o estado de escassez é um problema moral também, a perda de sua humanidade e dignidade, passando a ser visto somente pelos seus esforços

perspectiva filosófica

físicos, mesmo passando por humilhações, visto como um objeto que só serve para produzir, para dar lucros altos aos colonizados. Sartre fala: "O terror e a exploração se valem dessa desumanização para explorar mais." (Sartre 1968, p. 40). O que sustenta a maquinaria de violência, de exploração é sobretudo o ódio do opressor para com o oprimido, isso está entranhado nas suas formas de tratamento, de relação entre colono e colonizado. Sempre há dentro desse sistema brutal a linha tênue entre a vida e a morte, infelizmente, mais morte do que vida, mas também a que custos é bom viver? Aqui não estamos a defender a morte, estamos a refletir, pensando na perspectiva daquele a quem não aguenta mais a vida que leva, com base em todos os tipos de torturas.

Há por dentro do sistema, na sua estrutura aspectos de extremo nacionalismo, patriotismo por parte do colonizador, assim o faz dentro do sistema colonial. Sartre fala evocando Marx: "um dia, é que leva em si a destruição da sociedade burguesa." (Sartre, 1968, p. 42). Sartre escreve essas considerações dentro do seu livro já citado, mas a qual também publicou na revista *Les temps modernes*. Ademais segundo Sartre como podem fazer o que fazem? E como o fazem, e nós não compreendemos a situação? Há um orgulho, segundo ele, na não compreensão disso por parte das pessoas que não são exploradas. O filósofo é incisivo e provoca o leitor a pensar nessas questões, no quanto por vezes alienamos no nosso mundo confortável, na nossa zona de segurança, alienando-nos dos problemas que ainda existem, o racismo ainda é um grande mal, um terror a ser incessantemente combatido. Mudam-se os contextos, mas os problemas estruturais continuam. O que faremos e podemos fazer diante disso? Ler sobre, informar-se, ter consciência e não ficar do lado de quem provoca e defende práticas de opressão, de exploração, de desumanidade. Nós enquanto sujeitos livres e que respeitam as liberdades alheias, temos a responsabilidade política, social e moral de o fazer, de combater qualquer tipo de violência física, moral ou psíquica. Sartre provoca ao mencionar a respeito das atitudes dos colonizadores, dos racistas: [...] "se meus amigos, se meus irmãos de armas, se meus chefes arrancam minhas unhas diante de um inimigo, o que farei." (Sartre, 1968, p. 43).



Não podemos esquecer daqueles que morreram com nenhuma dignidade preservada, com nenhum direito a permanecer calado ou a ser libertado das amarras do colonialismo, da opressão, da exploração, do racismo, da guerra. Não podemos esquecer a forma como o sistema do colonialismo é cruel, autoritário, necessitamos resistir, ler, procurar entender e de alguma maneira perpetuar a lembrança de forma humana daqueles que infelizmente tiveram suas vozes caladas brutalmente.

2. VIOLÊNCIA E REVOLUÇÃO EM FANON

Franz Fanon compartilha das colocações de Sartre ao seu modo, em sua obra *Os condenados da Terra* (Fanon, 1961) o autor explora a questão da violência relacionada ao colonialismo, ao racismo e ao ocidente. A premissa da descolonização é a reivindicação mínima do colonizado, a transformação estrutural da Sociedade, enquanto reclamação, exigência por parte dos oprimidos frente aos opressores. Assim diz Fanon frente a descolonização:

A descolonização, que se propõe a mudar a ordem do mundo, é, está visto, um programa de desordem absoluta. Mas não pode ser o resultado de uma operação mágica, de um abalo natural ou de um acordo amigável. A descolonização, sabemos-lo, é um processo histórico, isto é, não pode ser compreendida, não encontra a sua inteligibilidade, não se: torna transparente para si mesma senão na exata medida em que se faz discernível o movimento historicizante que lhe: dá forma e conteúdo. (Fanon, 1961, p. 26)

Percebemos por essa fala que a descolonização se trata de um processo histórico que não se delimita pela inteligibilidade, também não ocorre de forma fácil, é uma alteração na própria estrutura, não só na forma em que se dá, mas em seu próprio conteúdo e produto. Uma das primeiras formas de confrontação é a violência e a exploração do colonizado pelo colono. A descolonização transforma o ser, o qual não passa ileso, mas sim de forma escancarada, transforma o ser em ativos da situação e da história, criando

perspectiva filosófica

assim novos homens. Com isso, percebemos as ações a qual o colonizado se propõe para modificar sua situação e dos demais indivíduos que passam pela colonização, sabendo que enfrentará possíveis consequências que não necessariamente serão tranquilas, porque não se modifica a Sociedade de uma única maneira, de forma pacífica. É necessário muita consciência em jogo, isso parte desde o contexto colonial e espaço geográfico, não se tratando somente da questão social e política, são vários elementos que devem ser levados em consideração.

Quanto a uma possível conciliação por parte do colonizado e do colono não há uma conversa possível, ambos são um problema um para o outro, ou seja, “ [...] não há conciliação possível, um dos termos é demais. [...]” (Fanon, 1961, p. 28). É inevitável, conseqüentemente que um dos “lados” irá se sobressair ao outro, complementando Fanon fala: “Destruir o mundo colonial é, nem mais nem menos, abolir uma zona, enterrá-la profundamente no solo ou expulsá-la do território.” (Fanon, 1961, p. 30). É apagar uma prática que opera na Sociedade colonial, em que o branco só é rico porque é branco, e o negro pobre, ridicularizado, violentado, oprimido pela sua cor, visto pelo colono como sem valor, sem ética e sem moral.

Para que se rompa com o sistema colonial é necessário ocorrer uma emancipação do sujeito e isso se dá a começar pela consciência de si, do seu contexto, de sua própria situação, sabe-se que foi oprimido e que necessita de conhecimento necessário para modificar todo esse sistema. É por meio da subjetividade e sociogenia, enquanto sujeitos pretos e não aos moldes da branquitude que é possível revolucionar de alguma maneira. Enquanto sujeitos políticos, autônomos da própria história, talvez seja da concepção de liberdade e responsabilidade no existencialismo sartreano que Fanon também desempenhe suas colocações.

É a tentativa de romper com uma tradição esbranquiçada, assim Silva (2019) confere concretude à urgência última e única de trazer o que sangra no coração da modernidade para a compreensão das vicissitudes contemporâneas quando afirma que "na verdade, qualquer análise séria do modo corrente de operação do duo Estado-Capital exige uma atenção à gramática racial, porque

esta organiza o espaço global, orientado pela realização da necessidade de dirimir e dissipar os efeitos da racialidade" (p. 37). Além disso, sobre a branquitude;

[...]o cubo branco ou a branquitude é o lugar da violência que, através da linguagem e das práticas sociais, produz feridas coloniais que sangram a todo instante através de inúmeras reencenações coloniais que assolam os modos de vidas negras. Há, nesse sentido, um passado que não está morto e, se morreram algumas de suas dimensões, não foram enterradas devidamente. Um passado-presente e uma dívida alta (Kilomba, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do artigo e entendendo a concepção fanoniana, Fanon mostra sua relevância de pensamento ao tratar o discurso decolonial, explicitando o racismo, também o faz em muitas de suas obras em um discurso de primeira pessoa, pois sabia o que era ser negro, apesar de ser francês, e de falar bem o francês, muitos não o consideravam devido sua cor, isso não se esgota nesta dimensão, mas em sua análise e luta para explorar o campo que forma o racismo, da reivindicação dos povos oprimidos na Argélia, por exemplo, o que lhe aproxima justamente do pensamento sartreano, pois Sartre também tinha as mesmas preocupações e concepção da luta pela revolução.

Partimos do pensamento e considerações de Fanon e Sartre, respectivamente, a respeito do colonialismo, enquanto “amarra” ao povo negro. Nesse sentido, como produto do sistema capitalista, que é resultado da modernidade e colonialidade, bem como o conceito de sociogenia, encontrado na obra fanoniana *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Em um segundo momento, trazemos as concepções existencialistas de Sartre, pressupondo o prefácio de *Os Condenados da Terra*, a fim de mostrar as nuances e possíveis aproximações com Fanon.

Diante disso, entendemos que a revolução contra a violência é uma resposta justa para desfazer a matriz colonial de poder, por isso, é inevitável pensar em libertação sem entender que a luta pela emancipação deve ocorrer

em nível intelectual, social, político, ou seja, é inevitável a ação prática na luta antirracista

REFERÊNCIAS

ARANTES, Marco Antonio. **Sartre e o humanismo racista europeu: uma leitura sartriana de Frantz Fanon**. Interfaces, 2011.

DRAVET, Florence Marie; OLIVEIRA, Alan Santos de. **Relações entre oralidade e escrita na comunicação: Sankofa, um provérbio africano**. Miscelânea, Assis, v. 21, p. 11-30, jan.-jun. 2017. ISSN 1984-2899.

FANON, Franz. **Pele Negra. Máscaras Brancas**. Rio de Janeiro: Ed. Fator, 1983.

FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

KILOMBA, G. (2019b). Ilusões vol I Narciso e Eco. In Pinacoteca de São Paulo (Org.), **Grada Kilomba: Desobediências poéticas** (pp. 1-22). São Paulo, SP: Pinacoteca de São Paulo.

LOPES, Fábio Cardoso. As quatro cabeças da matriz colonial do poder e seus nós histórico-estruturais heterogêneos. Londrina: Revista Espaço Acadêmico, n. 247, p. 16-26, jan./fev./mar. 2025.

RODRIGUES, Eli Vagner F. **“Reflexões sobre o Racismo”, de Jean Paul Sartre: uma análise das origens psicológicas do preconceito racial**. Bauru, v. 4, , p. 161-169, jan./jun., 2016.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

perspectiva filosófica

SARTRE, Jean-Paul. **Colonialismo y neocolonialismo**. Situations ,V.
Traducción Josefina Martínez Alinari. 2ª ed. Buenos Aires: Editorial Losada,
S.A. , 1968.

